

## CATOLICISMO E ESPIRITISMO: DIMENSÃO CONFLITUOSA DO CAMPO RELIGIOSO CEARENSE NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Marcos José Diniz Silva\*

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo abordar as relações conflituosas entre o Espiritismo e a Igreja Católica, no Ceará, por ocasião do estabelecimento do primeiro e a reação desta última à concorrência religiosa no quadro de sua reestruturação eclesiástica pós-secularização do Estado, no contexto da Primeira República no Brasil. Toma-se como referenciais as indicações analíticas presentes na sociologia da religião de Max Weber e no conceito de *campo* religioso de Bourdieu, no sentido de explicitar, por um lado, os embates públicos em que a hierarquia católica (“sacerdotes”) reforçava sua produção discursiva-canônica classificando indistintamente o Espiritismo e as práticas mediúnicas afro-brasileiras como feitiçaria, ocultando o potencial “profético” da doutrina kardeciana; por outro lado, fazendo-se ver, naquele contexto do campo religioso brasileiro, os “efeitos de consagração” e de “subversão simbólica” sobre a ordem política.

**PALAVRAS-CHAVE:** catolicismo, espiritismo, campo religioso

**ABSTRACT:** This work aims to address the conflicting relationship between the spirit and the Catholic Church, in Ceará during the establishment of the first and the latter reaction to competition in the religious context of its restructuring after secularization of the ecclesiastical state, in the First Republic in Brazil. Take as reference the specific recommendations in the sociology of religion of Max Weber and the concept of the religious field of Bourdieu, to clarify, first, the public attacks on the Catholic hierarchy (“priests”) strengthened their production discursive-canonical classifying indiscriminately the Spirit and the african-Brazilian mediumistic practices as witchcraft, hiding the potential “prophetic” the doctrine kardeciana and, pretending to be seen in that context of the Brazilian religious field, the “effects of consecration” and of “symbolic subversion” on the policy.

**KEY WORDS:** Catholicism, spiritualism, religious field

### I

Considerando o contexto histórico brasileiro das décadas de 1910 e 1920, especificamente no Ceará, tenciono refletir sobre as condições da estruturação e do funcionamento do seu respectivo *campo* religioso. A razão para isso é a tentativa de compreender a relação conflituosa manifestada no combate católico ao Espiritismo.

A validade sociológica contemporânea da noção de *campo* religioso de Bourdieu foi colocada em questão pelo próprio autor, quando discutiu a “dissolução do religioso” (BOURDIEU, 2004a[1987]). Na ocasião, repensa a tipologia weberiana do sacerdote, “cuja encarnação ideal-típica é o padre católico”, enquanto detentor do monopólio da

---

\*Professor Assistente do Curso de História da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), da Universidade Estadual do Ceará (UECE). É doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará e bolsista FUNCAP.

manipulação legítima dos bens de salvação; demonstrando a universalização que tomara essa definição histórica. Admite que, contemporaneamente, o clérigo tradicional conserva apenas o monopólio do “ritual social” da religião e, assim mesmo, cada vez mais intelectualizado, por conta da concorrência dos “novos clérigos”. Atente-se, então, para a ressalva do autor referente às décadas finais do século XX.

Mais recentemente, Oliveira (2003), apreciando criticamente a teoria da religião de Bourdieu, levanta algumas restrições, das quais destacamos, em primeiro lugar, a condenação dos “leigos” à condição de consumidores, esquecendo que, na “divisão do trabalho religioso”, só é expropriado quem produz. Ressalta, pois, que os leigos são produtores de bens religiosos, mas *anônima* e *coletivamente*. Em segundo lugar, e “mais grave”, é que, na esteira de Weber, Bourdieu toma conceitos da tradição judaico-cristã (mago, sacerdote, profeta, “carisma”...) como elementos fundantes do campo religioso, restringindo sua noção de *campo* àquele universo, de tal modo que se tornaria impróprio esse conceito para os mundos religiosos asiático e afro-brasileiro; lembrando também que essa marca é comum à sociologia da religião, em geral ainda presa à linguagem teológica.

Por fim, o questionamento das possibilidades de análise da religião a partir de Bourdieu, também aparece em Dianteill (2003), enfocando a problemática da “religião” onde não há religiões institucionais, ou onde estas se acham “singularmente enfraquecidas”; a aplicabilidade da noção de campo em sociedades não segmentadas e “cada vez mais secularizadas”; e, por fim a questão, por certo mais importante para a sociologia da religião, ou seja, se a análise do “religioso” limita-se ao “campo religioso”.

Da contribuição de Dianteill (2003), destaco a afirmação da validade da noção de *campo* religioso, especificamente para o estudo das religiões históricas ocidentais – notadamente judaísmo e catolicismo - visto na dialética de suas relações internas e externas.

É nessa perspectiva, de um campo religioso ainda sob as condições históricas impactadas pela secularização do estado e seus dispositivos laicos oriundos da implantação da República no Brasil (Constituição de 1891), em que se dá a luta da Igreja Católica pela recuperação/reconfiguração do monopólio da manipulação de bens

de salvação; apresentando-se, na trincheira oposta, o Espiritismo demandando liberdade religiosa e legitimação de suas práticas na nova ordem social.

No terreno empírico, trabalharei especialmente com a imprensa do período, dividida em dois grupos. Um, dos jornais de feição leiga, caráter noticioso e político-partidário locais, que cediam espaços para a divulgação do espiritismo e/ou polêmicas sobre o tema, caso dos jornais *A República*<sup>1</sup> e *Unitário* (década de 1910); *A Tribuna* e *O Ceará* (década de 1920); o outro grupo, de jornais destinados à difusão do pensamento católico e ao combate às doutrinas concorrentes, exemplificados em *Cruzeiro do Norte* (década de 1910) e *O Nordeste* (década de 1920).

## II

Considerando, pois, a aplicabilidade analítica do conceito de *campo religioso*<sup>2</sup> nas condições históricas do catolicismo brasileiro, sob o impacto secularizante da implantação do regime republicano; pode-se ademais reconhecer naquele catolicismo as condições de uma “Igreja”, no sentido empregado por Weber (1999, p.368) e Bourdieu (2004c, p. 65).

As condições estruturais daquele campo religioso permitem reconfigurar historicamente - condição inerente à elaboração de *tipos ideais*<sup>3</sup> - os elementos tipológicos weberianos (sacerdote/profeta/mago/leigos) à luz da dinâmica brasileira; de tal modo que, nesse campo religioso, numa face, dá-se a relação de “concorrência” entre ‘sacerdote’ (catolicismo) e ‘profeta/feiticeiro’ (espiritismo); na outra face, a das relações de “transação” entre os agentes “especializados” e os leigos, correspondendo às demandas por legitimação (classes dominantes) e por salvação (classes dominadas).

---

<sup>1</sup> Este jornal, órgão do Partido Republicano Cearense, também cedia espaço às opiniões dos católicos, servindo de tribuna à polêmica religiosa. Contava à época, em sua gerência, com Rodolfo Ribas, vice-presidente Centro Espírita Cearense, e presidente noutras gestões.

<sup>2</sup> Esfera social relativamente autônoma, especializada, na produção, reprodução, distribuição e controle dos bens (simbólicos) de salvação, estruturada a partir da divisão do *trabalho religioso* entre produtores e consumidores desses bens religiosos. Tal *campo* é constituído por agentes especializados (sacerdote, mago e profeta), que disputam interna (relação de *concorrência* - entre si - e relação de *transação* - com os leigos - e, externamente, com as classes dominantes e classes dominadas, a oferta de bens de salvação e a função de legitimação da ordem social estabelecida (“efeito de *consagração*”), respectivamente.

<sup>3</sup> “Obtém-se um tipo ideal mediante a acentuação unilateral de um ou de vários pontos de vista e mediante o encadeamento de grande quantidade de fenômenos isoladamente dados, difusos e discretos que se podem dar em maior ou menor número ou mesmo faltar por completo, e que se ordenam segundo os pontos de vista unilateralmente acentuados, a fim de formar um quadro homogêneo de pensamento. É impossível encontrar empiricamente na realidade este quadro, na sua pureza conceitual, pois trata-se de uma utopia”. (WEBER, 1993, p. 137-138).

Assim, nessas relações objetivas de concorrência, o lugar do ‘profeta’<sup>4</sup> - com seu “carisma” e nova proposição ético-religiosa num momento de “crise” (cientificismo, modernismo, moderno-espiritualismo)<sup>5</sup> - era ocupado pelo corpo doutrinário e práticas kardecistas, conforme representado pelo discurso da burocracia sacerdotal católica. Já nas relações de transação, temos, de um lado, frações das classes dominantes ocupando espaços nas duas perspectivas religiosas, seja a legitimação da ordem pelo reforço do tradicionalismo católico, seja a legitimação pelo viés espiritista da fé racional, do progresso e da evolução moral; de outro lado, no seio das camadas populares crescia a demanda por bens de salvação por meio do espiritismo (recurso ao intercâmbio mediúnico), enquanto os adeptos do catolicismo se viam cada vez mais mobilizados e inseridos no movimento de afirmação da catolicidade nacional (“ressacralização”), promovido pela hierarquia católica. Ou, como dizia um articulista, de pseudônimo “Cristiano”: “Este século está satanicamente atarefado em paganizar o mundo”.<sup>6</sup>

A chegada das idéias espíritas ao Ceará remonta às décadas finais do século XIX, com a implantação dos grupos familiares de espiritismo e o aparecimento dos primeiros centros espíritas, entre o final do século XIX e início do século XX. Em 1897 surgiu, em Fortaleza, o Grupo Espírita Fé e Caridade, pela iniciativa do carioca Luiz de França de Almeida e Sá. Ao iniciar-se o novo século, surgiriam no município de Maranguape mais dois grupos: o Grupo Espírita Verdade e Luz (1901), sob a direção de Arthúnio Vieira e sua esposa, a escritora, abolicionista e precursora do movimento feminista no Ceará, Emília de Freitas. Editaram um jornal espírita, denominado Luz e

---

<sup>4</sup> “Em geral, os profetas pregaram religiões de salvação em oposição a religiões ritualistas e práticas mágicas. Defendendo uma ética criticavam tradições, substituindo *tabus* [...] por princípios éticos. [...] Uma dimensão da racionalização religiosa seria então a moralização, ou eticização da religião, com a transferência da noção de pureza para o campo moral”. (MARIZ, 2003, p. 82). Ou seja, tal proposição de uma despersonalização do “profeta” (emissário ou exemplar) da tipologia weberiana, caracterizando-o enquanto “revelação” (mensagem), se propõe a entendê-lo como capaz de propor uma revolução ética pela “crítica intelectualística de certas categorias de leigos” (BOURDIEU, 2004c, p. 97), em direção a uma espiritualização, a uma religiosidade não ritual e mais afeita à síntese com a ciência.

<sup>5</sup> “Da segunda metade do século XIX em diante, duas vozes dissonantes alimentaram uma polêmica recíproca: a causa da ciência e da natureza em nome de uma religiosidade exclusivamente secular. Contra esta extrema secularização levantaram-se os direitos irrevogáveis da consciência, da deficiência da Razão e do poder sobre-humano do Sagrado e do Mistério. A crise religiosa revelada desta época manifestou-se, frequentemente, contra a oficialidade de todas as formas de tradição, de todas as figuras históricas e espiritualmente gastas, vazias, sem criatividade ou inventividade. Esta crise apontou a necessidade de uma religiosidade espiritualmente mais adequada, de novas utopias de salvação”. (SILVA, 1997, p.1).

<sup>6</sup> O espírito da época... *O Nordeste*. Fortaleza-Ce. 3 ago. 1922. Optei por atualizar a ortografia, nas citações, para fins de maior clareza e objetividade no aproveitamento das fontes.

Fé. Em 1902 nascia o Grupo Espírita Caridade e Luz, que manteve o jornal Doutrina de Jesus e a Escola Cristã.

Contudo, é em 1910 que se funda o Centro Espírita Cearense, com registro oficial e com atividade regular e ininterrupta, alterando sua denominação ao longo das décadas. Nesse empreendimento coube especial papel mobilizador ao oficial do Exército, maçom, escritor e “delegado” da Federação Espírita Brasileira, o cearense Manoel Vianna de Carvalho. Na década de 1920 fundam-se, em Iguatu, o Centro Espírita Dias da Cruz (1923); e em Fortaleza, os núcleos: Centro Espírita Ismael Caridade e Luz (1926), Centro Espírita Vianna de Carvalho (1926), Sociedade Espírita Fé, Esperança e Caridade (1927), Grupo Espírita de Caridade Urubatan de Deus (1928) e Grupo Espírita Auxiliadores dos Pobres (1928).

A conotação doutrinária do Espiritismo, com acentuada cor revelacionista e cientificista vamos encontrar, exemplarmente, nas conferências de Vianna de Carvalho, pronunciadas em lojas maçônicas e entidades associativas como a Fenix Caixeiral, ao longo dos anos de 1910 e 1911, e reproduzidas nos jornais *A República* e *Unitário*.

Em agosto de 1910, Vianna de Carvalho dá início a uma série de conferências “refutando os tópicos essenciais dos artigos firmados pelo padre Van Esse e transcritos do ‘*Universo*’ pela folha católica [*Cruzeiro do Norte*] desta capital”. Na ocasião, dentre outras coisas, destaca o orador:

O espiritismo marcha com a ciência em todas as fases do seu desenvolvimento. Não admite noções que estejam fora dos processos de verificação rigorosa. A lei da reencarnação está dentro desta possibilidade. Há nos Evangelhos passagens bem claras que a sancionam, irrevogavelmente. Por exemplo, quando os discípulos de Jesus interrogam-no sobre a vinda de Elias e o Mestre lhes responde: - mas eu vos declaro que Elias já veio e eles não o *conheceram* mas o trataram como lhes aprouve. Da mesma natureza é a resposta do Messias a Nicodemos: em verdade, em verdade, eu vos digo: *ninguém pode ver o reino de Deus, senão o que nasce de novo*. Estes dois pontos testemunhando que Jesus pregou a reencarnação, foram por tal forma alterados, que se tornaram inteiramente incompreensíveis. Logo, o Espiritismo está de acordo com a doutrina de Jesus, interpretada à luz das novas descobertas científicas e, portanto, sob um ponto de vista inteiramente racional.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> *A República*. Fortaleza-Ce. 8 ago. 1910.

No ano de 1911, o *Unitário* publicaria uma série de artigos, oriundos das conferências de Vianna, em que procura demonstrar o duplo caráter do Espiritismo: revelação divina/ciência experimental.

Pois bem, senhores, nessa hora de vacilações, dúvidas e vertigens, surgiu a Filosofia dos Espíritos, reanimando coragens abatidas, dispensando consolo e esperança aos corações aflitos. Ao contrário de todos os sistemas, que partiram sempre de teorias adstritas ao subjetivismo pessoal de cada pensador, o espiritismo brotou espontaneamente de fatos que, pondo em evidência a comunicação com o mundo invisível, assentaram ao mesmo tempo a solidez de seus inabaláveis alicerces. Assim o exigiu o experimentalismo científico da época fatigada e exausta de argumentações metafísicas.

.....  
.....

O Deus do Espiritismo é a Vontade Soberana que cria a cada instante astros, Espíritos, nebulosas [...] numa atividade sem par em que se compra sua inteligência; um deus compassivo, amoroso ao infinito, acessível as nossas preces sinceras, Providência do mundo e Alvo supremo de todas as nossas aspirações. É um Deus que não exige de nós martírios, nem sacrifícios mal compreendidos, mas amor ao próximo, piedade para todas as crenças, resignação na adversidade, trabalho, justiça, benevolência, desprendimento das coisas terrenas e apego às que nos falam da imortalidade.<sup>8</sup>

Ou, como defendera numa outra conferência:

Senhores, todas as religiões têm arrastado os seus rumorosos cortejos através de ruínas e cadáveres. Seria doloroso recordar agora as guerras, os morticínios e as crueldades perpetradas em nome d'Aquele que é a fonte única da Misericórdia Suprema. Pois bem, o Espiritismo, em sua passagem, vai semeando bênção, em vez de lágrimas, e consolo no lugar dos desalentos. [...] Apreendendo a verdadeira estrutura do humano ser, oferece a solução dos mais transcendentos problemas de ordem cosmológica, psíquica ou social. [...] A morte não é mais o baquear do ser nas solidões do nada, nem a formidável interrogação postada irrevogavelmente ante as cogitações humanas. A luz da Nova Revelação rasgou as sombras e os véus desta esfinge temerosa que nos fazia estremecer de horror e no-la mostra como um simples adormecimento de que despertamos para progredir indefinidamente.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> KLEIN FILHO & CAJAZEIRAS (1995, p. 28-37). Essas páginas correspondem a duas conferências diferentes e pronunciadas em dias diferentes, entre abril e novembro, não identificados pelos organizadores.

<sup>9</sup> Idem, p. 26-27.

A reação do clero local à atuação desassombrada de Viana de Carvalho pode ser exemplificada nas palavras do padre Vanderillo Herpierre, asseverando os perigos e a falsidade da revelação espírita:

Quanto ao veneno da doutrina que pretende intoxicar a nossa fé é sutil e traiçoeiro, o sabemos de sobra pela maneira com que se propina e pelos estragos que causa [...] suporte dificilmente que o campeão do espiritismo, em lugar de ensinar teorias teosóficas mais modernas (falsas também) se contente em espalhar o espiritismo antiquado do pobre Allan Kardec, de quem uma Enciclopédia moderníssima publica que, depois de ter deixado de estar em voga, desde vinte anos na Europa e na América do Norte, emigrou para uns cantos da América do Sul! O Ceará não seria destes cantos! Respeitemos o Ceará, a “Terra da Luz”.<sup>10</sup>

Essa “concorrência” gerava um combate ao espiritismo em dupla feição: Uma “profética”, configurada na revelação/codificação espírita; a outra, “mágica”, decorrente das práticas mediúnicas, exemplificada na cura dos corpos (mediunidade receitista e de cura) e das almas (desobsessão)<sup>11</sup>.

Numa contenda em que o discurso autorizado se acha teologicamente enfraquecido, abrigam-se os católicos nos argumentos das teorias psicológicas e médicas européias, vinculando Espiritismo e loucura. É caso de “Lux”, outro opositor católico de Vianna de Carvalho:

Muito, muitíssimo, se tem dito, ultimamente, em conferências públicas, sobre o espiritismo, porém somente cousas bonitas, figuras e retórica, palanfrórios enfeitados e nada do que se deseja saber, do essencial, enfim, se tem demonstrado [...] Nas estatísticas dos hospícios, o número de loucos, vítimas do espiritismo, é muito maior [...] O catolicismo praticado como se deve, nada tem de nocivo à saúde, traz, ao contrário, lenitivo à alma, bálsamo consolador para os sofrimentos! O espiritismo, de qualquer forma, abala, deprime, enlouquece [...] Não se iludam os homens de bom senso com o fraseado elegante, com as explanações perigosas dos espíritas, pois são emanadas de cérebros doentios [...] As coisas más têm adornos, belezas, atrativos irresistíveis. O espírita nunca adoece, delira, se torna logo um fanático [...] O espiritismo é uma fantasia da imaginação, a

---

<sup>10</sup> *A República*. Fortaleza-Ce. 6 abr. 1911 (apud KLEIN FILHO, 1999, p. 98).

<sup>11</sup> Atente-se, aqui, para o fato de que esse par típico-ideal “mago/profeta”, reconfigurado historicamente nas vertentes espíritas mediúnicas/doutrinária, guarda uma dicotomia, também interna ao *campo*, no sentido de uma luta concorrencial da “doutrina” (profeta) pelo controle das manifestações da “mediunidade” (mago), intra e extra campo, ou seja, no embate histórico do disciplinamento do médium-espírita e na repressão aos médiuns independentes, ao catimbó, à macumba...(GIUMBELLI, 1997).

crença católica é lâmpada que não se apaga nunca, é fogo que não se extinguirá jamais.<sup>12</sup>

Essa contenda teria desdobramentos na década seguinte, quando o tema espiritismo ocuparia espaços significativos na imprensa fortalezense, como foi o caso do jornal *A Tribuna*, surgido em 1921. Dos seus três anos de existência destacamos sua contribuição ao debate do espiritismo, ao republicar ao longo do ano de 1922, num período de dois meses, o estudo francês: “Os mortos vivem? Grande ‘enquete’ sobre os fenômenos metapsíquicos”, produzido por Paul Heuzé, através de entrevistas a renomados pesquisadores do espiritismo e da metapsíquica<sup>13</sup>, na Europa.

Logo de início, o autor trata de classificar o número “extraordinário” de espíritas.

Em presença de fatos incompreensíveis como as pancadas, a ação sem contato, a levitação, as aparições, os desdobramentos, a leitura de pensamento, a clarividência, as premonições ou previsões, *espiritismo* era, naturalmente, a primeira explicação a que se deveria recorrer, em nossos dias. Cada vez que o homem não compreende, conclui instintivamente pela intervenção das forças sobrenaturais. [...] Mas há, atualmente, muitos espíritas? Resposta imparcial: sim, e me número extraordinário. São estes espíritas inteiramente fiéis às doutrinas de Allan Kardec? Cumpre distinguir. Muitos espíritas, a maior parte deles e, particularmente, os mundanos, o são à maneira de Allan Kardec, porque não vão pesquisar mais longe, visto como esta explicação lhes basta; não sentem necessidade de precisão científica [...]. Ao lado destes devotos, que são infelizmente a grande maioria e que os outros estimariam muitas vezes ver quietos – há os neo-espíritas ou adeptos do espiritismo científico. Estes, pequeno número aliás, contam em seu seio alguns homens notáveis [...]<sup>14</sup>

Heuzé declara sua posição crítica em relação à Allan Kardec, acusando-o de falhar exatamente naquele aspecto que constitui, segundo o codificador, a base da doutrina dos espíritos, ou seja, no aspecto científico. Além disso, estabelece a divisão entre espíritas “devotos” e “neo-espíritas”, referenciando uma tendência dentro do movimento após a morte de Kardec e o surgimento da metapsíquica. Entrevista grandes nomes da ciência como Gabriel Delane, Gustavo Geley, Camillo Flammarion, Connan

---

<sup>12</sup> *Cruzeiro do Norte*, 16.10.1910 (apud KLEIN FILHO, 1999, p. 97).

<sup>13</sup> “Ciência que, na definição do próprio Richet, que foi o seu fundador, tem por ‘objetivo os fenômenos, mecânicos ou psicológicos, devidos a forças que parece serem inteligentes ou a poderes desconhecidos latentes na inteligência humana’ ”. (TEIXEIRA DE PAULA, 1970, p. 110).

<sup>14</sup> *A Tribuna*. Fortaleza-Ce. 02 out. 1922.

Doyle, Charles Richet, dentre outros; mas também estudiosos como padre Mainage, Madame Curie, Madame Bosson. Nas opiniões captadas procura reforçar a idéia de que o Espiritismo se constitui uma crença para a maioria dos seguidores, portanto, sem comprovações científicas. Ou seja:

Que o espiritismo afirme como um dogma religioso a sobrevivência da alma é absolutamente respeitável. Mas que pretenda fazer a demonstração prática – científica – desta verdade, é um ponto em que muitos se recusam a segui-lo. Em uma palavra a esta pergunta: os mortos vivem? [...] ele é uma religião que, como todas as demais, responde sim. A ciência nos diz: disso nada sabemos.<sup>15</sup>

Ao longo da “enquete”, o autor procura demonstrar as dúvidas, ressalvas e negativas desses estudiosos quanto à comprovação material da fenomenologia espírita, deixando clara sua opção pelas alternativas da metapsíquica e pela obsolescência da doutrina codificada por Allan Kardec.

O jornal *O Nordeste*, por seu turno, também faz eco desse trabalho, em editorial, intitulado “Os mortos vivem?”. Esclarece que Paul Heuzé publicara suas consultas feitas a diversos sábios e estudiosos, no “Opinion”, depois transformadas em livro homônimo. E, confirmando as teses desse autor, o diário católico assevera: “O espiritismo é completamente estéril para a ciência. Nada de certo nos pode ele fornecer sobre a existência além da tumba”.<sup>16</sup>

Esse diário porta-voz da hierarquia católica desenvolveria acirrada campanha antiespírita desde sua fundação. Fosse adotando a crítica científica européia e brasileira, assentada na argumentação médica (patologia), fosse recorrendo aos argumentos jurídicos (contravenção penal), ou aos argumentos religiosos (feitiçaria, magia, fetichismo); *O Nordeste* procurava formar opinião contrária ao Espiritismo em todos os quadrantes da sociedade cearense. Porém, a atitude do jornal revelava um discurso contraditório em relação à nova crença. Por um lado, insistiam, como já demonstrado, que o Espiritismo era crença decadente e esquecida nos grandes centros do mundo desenvolvido; por outro, alerta contra sua expansão no Brasil e no Ceará (“Terra da Luz”). Ora, se o povo cearense, de tão sólida tradição católica, estava à mercê da nova

---

<sup>15</sup> Idem, 16 nov. 1922.

<sup>16</sup> *O Nordeste*. Fortaleza-Ce, 17 out. 1922.

crença, conclui-se que havia nela algo de novo capaz de abalar essas crenças consolidadas.

Assim, publicam carta de leitor preocupado com o “proselitismo” espírita nas dependências do Colégio Militar, e comparando-o com o processo de difusão do positivismo naqueles meios, no alvorecer da República. O paralelo é revelador das condições do enraizamento espírita na sociedade cearense.

Estamos sofrendo ainda as conseqüências desse erro imperdoável. E como poderemos de braços cruzados, assistir à invasão do espiritismo, novidade que, em vista de seus processos de infiltração em todas as camadas, torna-se duplamente prejudicial? Se verdadeiro perigo é o espiritismo para os intelectuais, que abismo não será para a mocidade e para os analfabetos? Todavia a propaganda se faz indistintamente por toda a parte, até nas casas de ensino. [...] Deus queira que, imitando o mestre, alguns discípulos não tentem ensaiar a propaganda espiritista nos Colégios Militares. Contra esse perigo de que estão ameaçados os jovens alunos do nosso Colégio Militar, filhos de famílias católicas, chamamos a atenção de quem poder providenciar. F. T.<sup>17</sup>

Note-se o acento na “infiltração” do espiritismo “em todas as camadas” sociais. Os “intelectuais”, a “mocidade”, os “analfabetos”. Conforme demonstramos, o espiritismo encontrou considerável aceitação nos meios intelectuais, constituindo alternativa espiritualista de cunho racionalista oposta às religiões dogmáticas.

Nesse contexto dos anos de 1920, as polêmicas prosseguiram, com *O Nordeste* noticiando “fraudes” e “atribulações” de médiuns, “espiritistas desmascarados”, o “espiritococus”; assim como divulgando estudos médicos em série de artigos (“O espiritismo e a ciência”) com opiniões de Leonídio Ribeiro, Henrique Roxo, dentre outros, sobre os “perigos” do espiritismo à saúde pública. Ilustrativo é o depoimento do médico e psiquiatra Leonídio Ribeiro:

O problema do espiritismo começou interessar-me desde os tempos em trabalhava no gabinete médico Legal da Polícia, e pude verificar que entre os indivíduos que eram, ali, diariamente examinados e por suspeita de uma doença mental, carecendo de ser alienados da sociedade, em mais de 50% dos casos a família afirmava terem aparecido os primeiros sintomas de loucura ao se entregarem os

---

<sup>17</sup> A propósito do espiritismo. Idem. 29 jan. 1923.

pacientes à prática do espiritismo nos numerosos centros disseminados em todos os cantos da cidade.<sup>18</sup>

No contexto de final da década de 1920, se avolumam em nível nacional com certa repercussão local, as acusações do catolicismo e as intervenções policial e médico-legal relacionando espiritismo/loucura, espiritismo/charlatanismo e identificando-o com as práticas “espíritas” afro-brasileiras, designadas genericamente de “baixo-espiritismo”.<sup>19</sup> Nesse aspecto, Isaia (2006, p. 141) lembra que:

O estigma da negritude como indício acusatório do campo mediúnico aparecia nos ensinamentos da hierarquia católica, inserido em todo um interdiscurso, no qual coabitavam o saber médico, o jurídico, a literatura e os preconceitos norteadores do agir coletivo. Por outro lado, historicamente, espiritismo kardecista construiu uma representação letrada, fiel ao cientificismo pregado na obra da codificação.

Assim, numa atitude correspondente à representação positiva do Espiritismo, o jornal *O Ceará* inicia um trabalho de “esclarecimento” da opinião pública, inaugurando historicamente a campanha sistemática de denúncia e repressão aos cultos denominados de “catimbós” e seus praticantes, os “catimbozeiros”, posteriormente desenvolvida por outros jornais acrescentando-se os termos “macumba” e “macumbeiro”.

O ano de 1929 é especialmente forte nesse campo de denúncias. Eram muitas as expressões de alarme epidêmico, como se pode ver nas manchetes: “Fortaleza está cheia de catimbós”, “A praga dos catimbós atinge a Porangaba”<sup>20</sup>, “A indústria dos catimbós”, dentre outras. Um caso exemplar dessa luta é a reportagem: “Fortaleza está cheia de catimbós. Uma boa distração para a Polícia seria persegui-los”. Conjugam-se nesse caso uma série referências de ordem econômica, social, religiosa e moral, que servem como elementos de classificação e ordenamento do mundo social, a partir de uma dada perspectiva.

O espaço das práticas é o dos subúrbios (Morro do Moinho, ‘barreiros’ do Benfica); as vítimas são os “explorados”, “ignorantes”; os praticantes são os

---

<sup>18</sup> Os perigos sociais do espiritismo. Idem. 09 out. 1927.

<sup>19</sup> Para uma visão mais ampla do processo de criminalização e legitimação do espiritismo, e de sua apropriação pela cultura brasileira, ver Giumbelli (1997a, 1997b, 2003).

<sup>20</sup> Hoje denominado distrito de Parangaba, na periferia de Fortaleza. O bairro Benfica, também citado adiante, fica mais nas proximidades do centro da capital.

“mandingueiros”, “exploradores da ignorância do povo”, como os “politiqueiros”; as práticas são embustes, feitiçarias, superstições, “magia”, “atos reprováveis”; os locais de culto são “antros de vagabundagem”; as “sessões”, “pela alta noite”... Vejamos a narrativa sobre dois acusados:

Ainda ontem em uma das delegacias desta capital foi encontrado um papelucho com os seguintes dizeres: “Venho dar-vos notícia de mais um foco de catimbozeiros que, parece, ainda não foi descoberto por ninguém da imprensa ou da polícia. Tal foco está situado nos ‘barreiros’ do Bemfica, e pertence a um velho alagoano de nome Antonio Luiza. Quando ali há “sessões”, pela alta noite, a vizinhança não pode dormir. Há um barulho dos diabos que o velho mandingueiro explica, asseverando ser o aparecimento dos “espíritos malinos” atazanando a gente. Tornam-se necessárias providências urgentes da polícia”. Aquém deste Antonio Luiza, isto é, logo um pouco depois do primeiro pontilhão da estrada do Bemfica, existe a casa de “Sinhá Maria” em que frequentemente são celebradas cenas grotescas de magia negra, branca, e de todas as cores.<sup>21</sup>

Na disputa interna ao *campo*, cabia aos espíritas (ou a quem lhes pudessem representar) classificar e, portanto, legitimar os grupos e cultos, no interior do universo “mágico” mediúnico, que poderiam gozar da confiança e respeitabilidade públicas. E, ainda mais grave, delimitar/restringir/reprimir o espaço de “produção independente” do feiticeiro, na concorrência do “catimbó” com as religiões estabelecidas, como em sua transação com elementos das diversas camadas sociais que demandavam seus serviços.

No outro flanco do *campo*, continua a disputa com o jornal *O Nordeste*, ainda nas páginas *d’O Ceará* acolhido por um jornal claramente favorável à maçonaria, como também crítico do clericalismo; o espiritismo encontrou nele uma tribuna. Destaca-se uma notícia que revelava, ainda em 1928, o clima da disputa. “Bispo que é favorável ao espiritismo”, era a manchete de *O Ceará*, trazendo a pastoral do bispo D. Francisco Fedeiro, de Juiz de Fora (MG). Verdadeiro manifesto em defesa do Espiritismo, afirmava, dentre outras coisas, que:

---

<sup>21</sup> *O Ceará*. Fortaleza-Ce. 27.06.1929 Esse periódico, deixou de circular em 7 de junho de 1930, no dia em que completou cinco anos de existência. Segundo Geraldo S. Nobre, *O Ceará*, dirigido por Julio de Matos Ibiapina, teve “grande importância na renovação do jornalismo em Fortaleza”, cabendo-lhe a iniciativa de publicar edições de 8, 12, 16 páginas, sacudindo a tradição da imprensa local, conhecida com de “4 páginas”. (NOBRE, 1974, p. 140).

A lei do mundo é a lei do progresso [...] A ciência não é uma crença reservada a uma classe ou a um partido: é a verdade, é ela não é exclusiva de ninguém. [...] A verdade consegue sempre os seus fins. Se a aprisionamos de um lado ela sai do outro. [...] É o que sucederá com o espiritismo, que se apóia sobre a ciência e que pode revelar aos homens por provas irrecusáveis, a existência da natureza espiritual e das suas relações com os seres encarnados. Segundo a minha maneira de pensar, eu, Bispo católico romano, digo que o “Espiritismo não deve ser condenado” como obra exclusivamente diabólica e que os espíritas não devem ser declarados fora das vias de salvação, nem chamados de heréticos, nem reservados ao inferno. Se mais tarde têm de reconhecer o bem fundado desta “ciência”, por que na hora atual se permitem considerá-la como sacrilégio?<sup>22</sup>

Refutar um documento dessa envergadura não pareceu nada fácil para o paladino da catolicidade. E a refutação não veio mesmo. Encontrava-se *O Nordeste* sob fogo cerrado d’*O Ceará*, em virtude de seus ataques quase diários à Maçonaria. Daquela data até o novo ataque ao Espiritismo passaram-se mais de três meses, e os temas tratados nada tinham a ver com a pastoral. O silêncio foi, portanto, a resposta católica a um petardo tão virulento.

Parecia difícil, no terreno teológico, desqualificar o Espiritismo, pois reconheciam os católicos que o mesmo encontrava-se “infiltrado” em “todas as camadas”, principalmente dos “intelectuais”<sup>23</sup>. A esses últimos, como seria inútil declará-los ignorantes e ingênuos (como os “analfabetos” e a “mocidade”), acusavam-nos de ateus. Mas, e o bispo “espírita”? Observe-se que, se a intelectualidade espírita, por um lado, através da imprensa, procurava depurar a imagem do Espiritismo desvinculando-o do mediunismo popular, taxado de baixo-espiritismo; e, por outro, investia na propagação de uma imagem de religião letrada tendo, inclusive, apoio de sacerdotes católicos, configurava-se uma disputa discursiva que tendia à neutralização – ao menso momentânea - dos ataques demonizatórios do clero católico.

Combinando a defesa do Espiritismo com os ataques ao clericalismo, o jornal *O Ceará* faz eco a uma voz tonitroante do Além. Desta feita é uma “mensagem” intitulada “Coisas do Espiritismo”, atribuída ao poeta português Guerra Junqueiro, recebida por um grupo espírita e publicada no jornal *Folha do Norte* (Belém).

---

<sup>22</sup> Bispo que é favorável ao espiritismo. *O Ceará*. Fortaleza-Ce. 12 maio 1928

<sup>23</sup> Entenda-se aqui, intelectual, na própria concepção dos jornalistas católicos, tratar-se de: advogados, médicos, políticos, engenheiros, oficiais militares, funcionários públicos, professores, jornalistas, etc.

Alimentando a querela local maçonaria *versus* clero católico, entre *O Ceará* e *O Nordeste*, o poeta dava seus préstimos:

Falar em Evolução, falar em Liberdade  
Era um crime fatal de lesa magestade  
que a justiça punia,  
e era o Fanatismo um mal contagioso,  
que prostrou muito tempo o mundo temeroso  
aos pés da sacristia.

Curvava-se o Direito, curvava-se a Justiça  
ao látego inclemente e rijo ás cugiça (sic)  
do clero vitorioso  
e, sob o jugo atroz do vil clericalismo,  
os homens resvalavam para um profundo abismo,  
horrível, tenebroso.

Sobre o Espiritismo, diz o poeta:

E como está grassando a forte epidemia,  
ao Espiritismo ó papa (não julgues que é ironia)  
ergue a mão benfazeja,  
por sobre os que perderam de todo o seu juízo  
e, abraçando a Verdade, dão sério prejuízo  
à santa madre Igreja.<sup>24</sup>

Ao abraçar a “Verdade”, os espíritas não apenas constituíam uma nova modalidade de crença, como impunham uma “concorrência” ao *campo* religioso, subtraindo adeptos à religião dominante.

Essa lógica, a despeito de sua obviedade, obriga-nos a ressaltar que, apesar da desigualdade de “capital religioso” entre Igreja Católica e Espiritismo - o primeiro valendo-se da tradição, enquanto o segundo amparando-se nos elementos do modernismo – a expansão do Espiritismo no Ceará ajustava-se institucional e politicamente tanto à ordem liberal oligárquica, quanto à ordem liberal reformista<sup>25</sup>.

---

<sup>24</sup> Coisas do Espiritismo. *O Ceará*. Fortaleza-Ce. 10 abr. 1929.

<sup>25</sup> Por não aconselhar qualquer envolvimento das instituições espíritas com a política, o espiritismo também não opunha obstáculos ideológicos aos seus seguidores. Fato digno de nota, nesse terreno, é que, as atividades de divulgação do espiritismo realizadas por Viana de Carvalho e do Centro Espírita Cearense, eram divulgadas com o mesmo tom de respeito e euforia pelos redatores dos jornais *A República*, *Unitário* (de João Brígido) e *Jornal do Ceará* (de Waldemiro Cavalcante e Agapito dos Santos); o primeiro era órgão do Partido Republicano Cearense (a serviço da oligarquia aciolina), e os dois últimos empenhados em acirrada oposição àquele.

Seja por sua inserção inicial nas camadas superior e média da sociedade; seja por representar uma alternativa religiosa mais “psicológica” ou espiritualizante, condizente com a crescente “desregulação religiosa”, operada pela secularização; o movimento de afirmação do Espiritismo no campo religioso cearense configurou, em suas décadas iniciais, a função externa de legitimação da ordem social à medida que, em sua disputa pelo poder de manipulação legítima dos bens salvação, sua subversão, configurada na subversão simbólica da ordem simbólica, não se deslocara para a subversão política dessa mesma ordem.

Os nomes dos componentes da diretoria provisória do Centro Espírita Cearense (1910) e de alguns outros fundadores podem exemplificar a inserção do Espiritismo nas elites. Dela constam: o desembargador Olympio de Paiva; o advogado e deputado federal Francisco Prado; o escrivão do Superior Tribunal de Justiça do Estado, Antonio Carneiro de Souza Azevedo; o professor da Faculdade de Direito, magistrado, deputado federal, José Carlos de Matos Peixoto, que seria presidente do Estado de 1928-1930 e o líder operário e vereador de Fortaleza por várias legislaturas, Joaquim Teófilo Cordeiro. Destacava-se também o principal idealizador da instituição, o oficial do Exército, Manoel Vianna de Carvalho e o comerciante, líder empresarial e associativo, Álvaro Nunes Weyne, que seria prefeito de Fortaleza entre 1928-1930 e 1935-1936.

Não era despropósito, nem mera coincidência que, no ato dessas relações de concorrência no campo religioso, o foco mais visível das acusações ao Espiritismo tenha sido dirigido, de modo predominante, sobre o “feitiço”, a “fraude” (fenomenologia mediúnica), o elemento prático; enquanto a face “profética” (doutrina/filosofia/teologia) aparece menos explicitamente. Era-lhes conveniente, tanto por razões de ordem estratégica do discurso, ao negar visibilidade aos aspectos mais elaborados da doutrina concorrente; quanto por questões doutrinárias, porque esta constituía a face “especializada”, intelectualizada (afeita às classes dominantes/letradas) propícia às reformulações, transações, anexações, nos dos sentidos do movimento.

### III

A consideração de que no Ceará das décadas de 1910 e 1920, o campo religioso guarda uma hegemonia católica em concorrência com os grupos espírita e protestante, e atestando-se um quadro político-ideológico dominado pelo modelo

liberal-oligárquico, de corte laico-positivista; permite inferir que a estrutura das relações entre o campo religioso e o campo político, encontrava-se marcada por um processo de “subversão simbólica” da ordem simbólica<sup>26</sup>, representada, neste caso específico, pela expansão do Espiritismo, reconhecido como religião (crença), na mesma ordem liberal do Estado laico. Em outros termos, se por um lado, almejando uma expansão e legitimação social, o Espiritismo concorria com a ordem simbólica tradicional do catolicismo, amparando-se na liberdade religiosa estabelecida pela Constituição de 1891; por outro lado, era o mesmo acusado penalmente de curandeirismo/charlatanismo (Código Penal de 1890), deparando-se com a resistência católica que o considerava ameaça a seu monopólio de concessão dos bens de salvação.

No embate, a “subversão simbólica” levada a efeito pelos grupos religiosos concorrentes que, no caso específico do Espiritismo no Ceará, encontrava respaldo em frações das classes dominantes, da burocracia estatal, da imprensa, da intelectualidade, apresentando considerável número de adeptos nas hostes maçônicas. Desse modo ajustava-se ao formato jurídico-político e ideológico, não vindo a constituir uma “subversão da ordem política”.

No lado oposto, a hierarquia católica, ressentida pela perda (crise) do seu “capital religioso” (com a instauração do Estado laico republicano), empreende um trabalho religioso/político de recomposição estrutural e doutrinária onde se destaca a atuação do bispo D. Manoel da Silva Gomes<sup>27</sup> (com sua hierarquia e seu laicato intelectual, que neste caso específico do *campo*, não é apenas *consumidor* dos bens de salvação, mas *co-produtores*)<sup>28</sup>; tomará “sua função externa de legitimação da ordem

---

<sup>26</sup> “A estrutura das relações entre o campo religioso e o campo do poder comanda, em cada conjuntura, a configuração da estrutura das relações constitutivas do campo religioso que cumpre uma função externa de legitimação da ordem estabelecida na medida em que a manutenção da ordem simbólica contribui diretamente para a manutenção da ordem política, ao passo que a subversão simbólica da ordem simbólica só consegue afetar a ordem política quando se faz acompanhar por uma subversão política desta ordem” (BOURDIEU, 2004c, p. 69, grifo nosso).

<sup>27</sup> “D. Manoel da Silva Gomes assumiu o governo diocesano a 8 de dezembro de 1912. É na sua administração, também, que a Ação Católica e a atuação do movimento operário sob a orientação da *Rerum Novarum* são mais dinamizados [...] D. Manoel, num quadro de recessão e transformação política nacional, cria o Círculo Católico de Fortaleza, a 29 de junho de 1913, que teve a colaboração das classes médias e alta.” (PARENTE, 1999 (1986), p. 101). Cria também, em 1914, as Dioceses de Crato e Sobral; em 1915, O Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José, a Liga das Senhoras Católicas; em 1916, o Dispensário dos Pobres; em 1922, o jornal *O Nordeste*.

<sup>28</sup> “A análise daquilo que eu chamo de estrutura material desse discurso católico [disseminado através do jornal *O Nordeste*, órgão oficial da Arquidiocese de Fortaleza] é grandemente facilitada se entendida a posição da hierarquia sobre dois pontos principais: a importância da imprensa, e o segmento da população

estabelecida” como condição para uma “subversão política”, pela reformulação do Estado - em direção ao centralismo, corporativismo, ao autoritarismo e ao fascismo - capaz de adequar seus interesses de reconquista do monopólio perdido - sob a bandeira da “recristianização”, da “religião nacional” - aos interesses do Estado (ver Ação católica)<sup>29</sup>.

Esse cenário sócio-histórico marcado por disputas e estratégias de qualificação/desqualificação, classificação/desclassificação inerentes aos campos simbólicos, em suas dinâmicas interna e externa, encontra-se informado, em nível mundial, pela crise do capital monopolista internacional, pela implantação do modelo socialista soviético, pela ascensão das alternativas políticas fascistas e, conseqüentemente, pelo questionamento da ordem liberal-democrática. As áreas periféricas do sistema, não ficarão de fora desse embate configurado nas lutas entre os adeptos dos ideários modernistas e defensores das formulações tradicionalistas.

O efeito mais contundente dessa modernidade ocidental, e que interessa aqui mais diretamente, é a secularização. Todavia, mesmo considerando os elevados índices de dessacralização das sociedades ocidentais, sobretudo européias, não se pode considerar a secularização um movimento capaz de anular o poder da religião na vida social. Sobretudo porque, a perda do monopólio legítimo da violência simbólica (coerção psíquica) por parte da religião, nas sociedades tradicionais ocidentais, não implicou na extinção, nem imediata nem gradativa, da ação de legitimação simbólica da ordem social (pelo “efeito de consagração” ou “aliança empresa hierocrática/empresa política”).

Esse processo de secularização em sociedades com fortes traços tradicionalistas e incipiente urbanização, como o Ceará das primeiras décadas do século XX, exigirá da religião dominante uma reação organicamente orientada com seus

---

católica leiga à qual foi entregue a tarefa de, suprimindo a deficiência de quadros no interior da instituição, produzir e garantir a circulação das idéias”. (MIRANDA, 1987, p. 50).

<sup>29</sup> “É palpável em conjunturas como essa, priorizando a trama objetivista do Catolicismo, jamais desanimando no afã de ocupar posições-chave na Sociedade Civil, ocorrer um intenso reforço do Tradicionalismo [...] É que ele é consubstancial ao objetivismo, à vontade de poder, à presença protagonista do complexo institucional que anima, deitando *de cima para baixo* a doutrina sábia e unívoca, efetuando a composição entre os que fazem a política, a vida social, a família, oferecendo os valores-guia da nacionalidade. Nessas condições não é de admirar que a bandeira do nacionalismo, na ocasião, tenha sido também erguida pela Igreja. Toma por campo prefixado de seu discurso a nação. [...] É visível a estreita aproximação entre o tradicionalismo propagado entre nós pela Igreja e o que se inscreve no corpo doutrinário do Fascismo”. (MONTENEGRO, 1992, p. 174).

“sacerdotes”, às práticas concorrenciais do “profeta/feiticeiro”, no sentido de uma aceleração da produção dos “escritos canônicos”; prática recorrente toda vez que “o conteúdo da tradição encontra-se ameaçado”, como lembra Bourdieu (2004c, p. 68).

O questionamento do Estado laico republicano a partir da crítica à separação entre Igreja/Estado, passadas quase quatro décadas de sua implantação, representa a vertente política da luta do catolicismo para a recomposição de seu monopólio no campo religioso brasileiro. Na concepção da hierarquia católica, o Estado – enquanto coletividade de indivíduos - não poderia existir sem a Religião (Igreja Católica), do mesmo modo que as individualidades, resguardada, no entanto, a supremacia da religião. Ou, como diziam os articulistas d’*O Nordeste*:

Igreja unida ao Estado – quer dizer isto: o Estado professa a Religião. Aí temos o significado essencial da união entre Igreja e Estado. Sendo assim, pergunta-se: pode um católico admitir a tese da separação? A resposta é evidente: não pode, porque seria admitir que o Estado não é criatura de Deus, não tem obrigação para com Deus, nega ou desconhece a Deus, prolonga, enfim, o grito de rebelião do anjo mau – “*Non serviam*”. Seria admitir que o Estado, coletividade dos indivíduos que o compõem, pode rebelar-se contra Deus.<sup>30</sup>

Note-se que a referência é a uma “Religião”, que deve ser professada pelo Estado. Enfim, ao negar a legitimidade de um Estado que não professa “a” Religião – um Estado rebelde, sacrílego, satânico – a ortodoxia católica intenta uma “subversão” do ordenamento político à medida que congrega forças em prol de fórmulas políticas mais corporativas e tradicionalistas de organização do Estado, como veremos efetivar-se a partir de 1930; enquanto recupera espaços e inova em suas estratégias de “infiltração” na sociedade e nas ações do Estado.

Portanto, até o final da década de 1920, não se empreenderiam mudanças político-institucionais suficientes e capazes de legitimar oficialmente o combate católico (coerção interna) aos grupos concorrentes do campo religioso em suas disputas pela legitimação na/da ordem social (função externa). Assim, a disputa da hierarquia católica e seu laicato – através dos expedientes de culto, dos eventos litúrgicos e da imprensa própria (jornal *O Nordeste*) ou aliada, contra o concorrente, consistira numa campanha cotidiana de desqualificação das práticas e doutrina do Espiritismo.

---

<sup>30</sup> Separação da Igreja do Estado. *O Nordeste*. 10 ago. 1925.

As aplicações de tipologias weberianas e de elementos da teoria da religião de Bourdieu permitem uma analogia que torna explícitos os sentidos e interesses presentes nessas disputas do *campo* religioso cearense, considerando-se apenas essas duas frações ou sub-campos em jogo.

A configuração estrutural da “Igreja” (Igreja Católica) detentora de uma pretensão de monopólio da dispensa de bens de salvação e de um capital religioso secularmente constituído (embora avariado); confrontara-se com o “feiticeiro/profeta” (Espiritismo), empresário independente, dispensador de bens de salvação de tipo novo e propenso a desvalorizar o antigo. Essa analogia esclarece o discurso católico como afirmação/reafirmação de uma ortodoxia, de valores religiosos universais, de uma tradição cristã; contra o Espiritismo, considerado a materialização da feitiçaria, da heresia, e destinado à recusa excomungatória do povo (cristão) brasileiro.

O conceito de *campo* religioso permite, então, por um lado, o entendimento da dinâmica das disputas religiosas internas ao campo, entre católicos e espíritas (seja no terreno das concorrências, seja no das transações); e, por outro lado, as extrapolações ao campo da política, à medida que os detentores do maior capital religioso (católicos) pressionarão o aparato estatal (desejado como mais centralizado e corporativo) em prol da coerção (simbólica e física) sobre o grupo concorrente (espírita); enquanto o grupo emergente, praticante da subversão simbólica da ordem simbólica, buscará sua afirmação e expansão nos quadros institucional/legal nos limites do Estado laico, liberal-oligárquico (desejado como liberal-democrático).

Pensando assim, na dialética das homologias estabelecidas entre campo religioso e campo político, foi possível demonstrar, numa certa conjuntura sócio-histórica, o caráter das disputas e os níveis de composição/recomposição do capital religioso, numa fração do campo religioso cearense, num lastro temporal de duas décadas.

#### IV

Para as décadas de 1930 e 1940, em linhas gerais, as relações de homologia entre o campo religioso e o campo político, envolvendo Igreja Católica e Espiritismo se dará, por um lado, na concretização de uma aliança semi-oficial entre Igreja Católica e Estado varguista, configurada na reconquista de espaços políticos (Constituição de 1934), na identificação do cristianismo (leia-se catolicismo) como pilar da

nacionalidade - “religião dos brasileiros” - e no arrefecimento do laicismo; por outro lado, o Espiritismo, consolidado institucionalmente e autodefinido como religião cristã, por via da atuação hegemônica da Federação Espírita Brasileira, fará eco das raízes cristãs do povo brasileiro e do seu caráter cordial/caritativo, configurado no lema humbertiano-febiano do “Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho”<sup>31</sup>, sob o influxo da atuação “mago/profética” da mediunidade-cristã (modelar) de Chico Xavier, em oposição ao avanço do materialismo comunista. Ou, por fim, como diz Lewgoy (2004, p.30), avaliando o papel de Chico Xavier no Espiritismo daquele contexto:

O lugar de Chico Xavier, na cultura e na religiosidade do Brasil do século 20, relaciona-se à síntese original que realizou entre um espiritismo kardecista já bastante influenciado pela cultura católica brasileira, uma tradicional devoção popular católica e uma perspectiva profética do destino da nação brasileira. Não apenas a sua imagem de santidade como a própria face dominante do espiritismo kardecista, estará relacionada às conseqüências pensadas ou imprevistas de sua colaboração com a federação espírita brasileira nas décadas de 1930 e 1940.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. A dissolução do religioso In: *Coisas Ditas*. São Paulo:Brasiliense, 2004a [1987], p.119-125.

\_\_\_\_\_. Espaço social e poder simbólico. In: *Coisas Ditas*. São Paulo:Brasiliense, 2004b, p.149-168.

\_\_\_\_\_. Gênese e Estrutura do Campo Religioso In: *A economia das trocas simbólicas*. 5ª ed.. São Paulo:Perspectiva, 2004c, p.27-78. (Apêndice I: Uma Interpretação da Teoria da Religião de Max Weber, p.79-98).

DIANTEIL, Erwan. Pierre Bourdieu e a Religião: Síntese crítica de uma síntese crítica. *Revista de Ciências Sociais*. Fortaleza, v. 34, n.2, 2003, p.30-42.

GIUMBELLI, Emerson. Heresia, doença, crime ou religião: o espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais. *Revista de Antropologia*. São Paulo. n. 40(2), 1997a , p.31-82.

---

<sup>31</sup> Trata-se da obra “*Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho*”, creditada ao Espírito Humberto de Campos, em psicografada por Francisco Cândido Xavier, publicada pela Federação Espírita Brasileira em 1938.

\_\_\_\_\_. *O Cuidado dos Mortos. Uma história da Condenação e Legitimação do Espiritismo*. Rio de Janeiro:Arquivo Nacional, 1997b.

\_\_\_\_\_. O “baixo-espiritismo” e a história dos cultos mediúnicos. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 9, n. 19, julho, 2003, p.247-281.

ISAIA, Artur César. Catolicismo pré-conciliar e religiões mediúnicas no Brasil In: MANOEL, Ivan Ap.; FREITAS, Nainora M.B. (Orgs.) *História das Religiões: desafios, problemas e avanços teóricos, metodológicos e historiográficos*. São Paulo:Paulinas, 2006.

KLEIN FILHO, Luciano & CAJAZEIRAS (Orgs). Francisco. *Palavras de Vianna de Carvalho*. Fortaleza:Edições FEEC, 1995.

KLEIN FILHO. Luciano. *Vianna de Carvalho, o tribuno de Icó*. Niterói (RJ):Publicações Lachâtre, 1999.

LEWGOY, Bernardo. *O grande mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira*. Bauru(SP):EDUSC, 2004.

MARIZ, Cecília L. A sociologia da religião de Max Weber In: TEIXEIRA, Faustino (Org.) *Sociologia da Religião*. Petrópolis:Vozes, 2003, p.67-93.

MIRANDA, Julia. *O Poder e a Fé. Discurso e Prática Católicos*. Fortaleza:Edições UFC, 1987.

MONTENEGRO, João A . de S. *O Trono e o Altar; As vicissitudes do tradicionalismo no Ceará, 1817-1978*. Fortaleza:Banco do Nordeste do Brasil, 1992.

NOBRE, Geraldo da S. *Introdução à História do Jornalismo Cearense*. Fortaleza:Gráfica Editorial Cearense, 1974.

PARENTE, Josênio C. *Anauê. Os camisas verdes no poder*. Fortaleza:Edições UFC. 1999.

OLIVEIRA, Pedro A. R. de. A teoria do *trabalho religioso* em Pierre Bourdieu. IN: TEIXEIRA, Faustino (Org.) *Sociologia da Religião*. Petrópolis:Vozes, 2003, p.177-197.

SILVA, Eliane M. *O Cristo reinterpretado: Espíritas, Teósofos e Ocultistas do século XIX*. Campinas, Unicamp: 1997b. Disponível [www.unicamp.br/~elmoura/O%20nos%20S%E9c.%20XIX%20%20XX.doc](http://www.unicamp.br/~elmoura/O%20nos%20S%E9c.%20XIX%20%20XX.doc). Acesso em: 20 jul. 2006.

TEIXEIRA DE PAULA, João. *Dicionário de Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo*. São Paulo:Banco Cultural Brasileiro Editora LTDA, 1970.

WEBER, Max . *Metodologia das Ciências Sociais*. São Paulo:Cortez Editora;Campinas(SP):Editora Unicamp, 1993.

\_\_\_\_\_. *Economia e Sociedade*. Brasília (DF):Editora UnB.v.1, 1994.

\_\_\_\_\_. *Economia e Sociedade*. Brasília (DF):Editora UnB.v.2, 1999.